



João Emerson Soares da Silva
Marco Aurélio Gomes de Oliveira
Milena Pedro de Moraes
Bruno Fernandes Antunez
Mayrhon José Abrantes Farias
Adriano Lopes de Souza

Recebido: 29 de janeiro de 2026

Revisado: 2 de junho de 2026

Aceito: 3 de junho de 2026

Publicado: 30 de junho de 2026

“Entre encontros e fronteiras”: sentidos da prática do Beach Tennis no contexto universitário da região do Bico do Papagaio

Resumo

O estudo teve como objetivo compreender os fatores motivacionais que influenciam os estudantes universitários a praticarem *Beach Tennis* (BT) no contexto universitário em uma cidade tocantinense, na Região do Bico do Papagaio, porta de entrada da Amazônia Legal. Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Participaram estudantes praticantes de BT nas quadras de areia da Unidade Babaçu, vinculada ao Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), em Tocantinópolis. Os resultados sugerem que a modalidade mobiliza dimensões técnicas, estéticas, emocionais e sociais que, articuladas, ampliam os sentidos atribuídos à prática. O BT configurou-se como vetor de bem-estar físico, regulação emocional e fortalecimento de vínculos, além de favorecer o pertencimento institucional e ampliar a visibilidade dos praticantes no CEHS. Constatou-se, ainda, que o esporte incide de maneira complexa sobre a rotina acadêmica, ora tensionando, ora reorganizando o gerenciamento do tempo. Conclui-se que o BT atua como uma prática integradora, capaz de produzir sentidos de pertencimento institucional e de contribuir para a reorganização da experiência universitária em contextos de fronteira, evidenciando o papel das práticas corporais como espaços de mediação educacional, sociocultural e política.

Palavras-chave: Beach Tennis; Contexto universitário; Fatores motivacionais.

“Between the river and the net”: meanings attributed to beach tennis practice in the university context of the Bico do Papagaio region

Abstract

The study aimed to understand the motivational factors that influence university students to practice Beach Tennis (BT) in a university context in a city in the state of Tocantins, located in the Bico do Papagaio region, a gateway to the Legal Amazon. This is a field study of an exploratory and descriptive nature, with a qualitative approach. Participants were students who practice BT on the sand courts of the Babaçu Unit, linked to the Center for Education, Humanities, and Health (CEHS) of the Federal University of Northern Tocantins (UFNT), in Tocantinópolis. The results suggest that the sport mobilizes technical, aesthetic, emotional, and social dimensions which, when articulated, expand the meanings attributed to the practice. BT was configured as a vector for physical well-being, emotional regulation, and the strengthening of bonds, in addition to fostering institutional belonging and increasing the visibility of practitioners on CEHS. It was also found that the sport impacts academic routines in a complex manner, at times creating tension and at others reorganizing time management. It is concluded that BT functions as an integrative practice, capable

of producing a sense of institutional belonging and contributing to the reorganization of the university experience in frontier contexts, highlighting the role of bodily practices as spaces of educational, sociocultural, and political mediation.

Keywords: Beach Tennis; University context; Motivational factors.

Introdução

No ambiente universitário, os estudantes vivenciam uma rotina marcada por exigências acadêmicas, pressões sociais e, frequentemente, níveis elevados de sedentarismo. Nesse contexto, a prática esportiva, entendida como atividade de competição, recreação e lazer, configura-se como uma estratégia potente para enfrentar tais demandas (Colaço; Fleck, 2009).

Os resultados de estudos recentes, por exemplo, indicam que a participação regular em modalidades esportivas durante a formação acadêmica pode favorecer o desempenho estudantil, sobretudo, por meio da redução do estresse, do aprimoramento do gerenciamento de tempo, da elevação da autoestima e do fortalecimento das relações interpessoais (Sánchez-Rivera, 2022; Zhou *et al.*, 2024).

Ao considerarmos os benefícios físicos, emocionais e sociais associados à prática esportiva no âmbito acadêmico, torna-se imprescindível compreender os fatores motivacionais que influenciam a adesão e a permanência dos estudantes nas atividades de caráter extracurricular, tal como pontuado por autores como Gaya e Cardoso (1998) e Barroso *et al.* (2007).

Nesse contexto, a motivação desponta como um determinante central do engajamento em comportamentos orientados por metas, como a prática regular de esportes. De acordo com Samulski (2009), a motivação no esporte constitui um processo psicológico dinâmico e multifatorial, resultante da interação entre características pessoais do atleta, demandas da tarefa e influências do ambiente social e competitivo, orientando a iniciação, a direção, a intensidade e a persistência do comportamento esportivo. Nessa perspectiva, tanto a permanência quanto o abandono das atividades esportivas decorrem da interação entre a motivação intrínseca, relacionada ao prazer, ao interesse, ao desafio e à satisfação pessoal inerentes à prática esportiva, e a motivação extrínseca, associada a recompensas externas, reconhecimento social, status, resultados e incentivos financeiros (Ryan; Deci, 2000; Samulski, 2009).

Com efeito, entre as diversas modalidades esportivas em expansão, optou-se por focar a prática do *Beach Tennis* (BT), uma vez que essa modalidade tem atraído um número crescente de praticantes de diferentes faixas etárias, tanto no Brasil quanto no cenário internacional (Evangelista, 2012). A literatura atribui esse crescimento, sobretudo, à facilidade de aprendizagem, ao baixo risco

de lesões e ao caráter lúdico que a modalidade proporciona, mesmo a iniciantes. Além disso, sua prática não exige habilidades técnicas avançadas, o que a torna acessível a pessoas de diferentes idades e níveis de aptidão física (Gomes, 2017; Guiducci; Danailof; Aroni, 2019; Takayama; Vanzuíta, 2020).

Em contrapartida, o BT ainda é frequentemente percebido como um esporte elitizado, em virtude de sua prática comum em clubes privados, bem como do custo elevado dos equipamentos (como as raquetes), o que pode limitar o acesso de estudantes com menor poder aquisitivo. Ora, compreende-se que este cenário restritivo coloca em evidência a importância de ações e políticas institucionais que promovam o acesso a esta modalidade esportiva em espaços públicos e comunitários.

É o caso da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), mais especificamente do Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS)¹, situado na cidade de Tocantinópolis-TO, que dispõe de três quadras de areia destinadas à realização de atividades acadêmicas, extensionistas e recreativas, incluindo a prática do BT, o que amplia as possibilidades de participação estudantil.

Diante do exposto, o presente estudo emerge com o objetivo de compreender os fatores motivacionais que influenciam os estudantes universitários a praticarem BT no contexto universitário em uma cidade tocanтинense, na Região do Bico do Papagaio, porta de entrada da Amazônia Legal. De maneira específica, busca-se: (1) Caracterizar o perfil dos estudantes que praticam BT no contexto universitário tocanтинopolino; (2) Identificar como se deu o processo de iniciação e continuidade da prática do BT nesse ambiente; (3) Analisar a percepção dos praticantes sobre o papel do BT em suas atividades acadêmicas e sociais.

Ademais, a compreensão dos fatores motivacionais relacionados à prática esportiva demanda considerar não apenas aspectos psicológicos e interpessoais, mas também os contextos socioculturais e territoriais nos quais os sujeitos estão inseridos. Afinal, os sentidos atribuídos às práticas corporais são produzidos em espaços concretos de convivência, circulação e interação social, sendo atravessados por condições históricas, econômicas e culturais que influenciam tanto as possibilidades de acesso quanto as formas de apropriação do esporte. Nessa perspectiva, compreender a experiência do BT no contexto universitário investigado implica reconhecer as especificidades do território em que ela se desenvolve.

¹ No contexto do processo de implantação da UFNT, foi deliberado, por instâncias colegiadas, que a instituição adotaria uma estrutura organizacional baseada em centros, em substituição ao modelo tradicional de câmpus. Dessa forma, o CEHS oferece quatro cursos de licenciatura (Pedagogia, Educação Física, Ciências Sociais e Educação do Campo), além de um curso de bacharelado em Direito. Sua estrutura física é composta por duas unidades: uma localizada na região central da cidade de Tocantinópolis e outra no bairro Vila Santa Rita, conhecido como “Babaçu”, em razão da presença de babaçuais na área (UFNT, 2025).

Sob esse prisma, a análise da prática do BT ultrapassa uma interpretação centrada exclusivamente nos motivos individuais para adesão e permanência na modalidade, incorporando elementos relacionados às dinâmicas sociais e territoriais que estruturam a experiência universitária na Região do Bico do Papagaio. Tal movimento mostra-se particularmente relevante ao tematizar práticas corporais em contextos fronteiriços, uma vez que esporte e lazer podem constituir importantes espaços de produção de pertencimentos, circulação de sujeitos e construção de identidades coletivas, como se observa no contexto investigado.

Nesse sentido, a Região do Bico do Papagaio, situada como porta de entrada da Amazônia Legal, representa um território emblemático para a compreensão das dinâmicas fronteiriças, articulando fluxos populacionais, mobilidades cotidianas e experiências socioculturais diversas. Conforme destaca Machado (2000, p. 10): “[...] a fronteira é lugar de comunicação e troca”. Portanto, mais do que uma delimitação geográfica, a fronteira é compreendida aqui como um espaço vivo de circulação, encontro, produção e negociação de sentidos, condição que atravessa as experiências universitárias e as formas de apropriação das práticas corporais.

Nesse bojo, a UFNT insere-se em um espaço atravessado por fronteiras físicas e simbólicas, como aquelas demarcadas pelo rio Tocantins, que separa e, simultaneamente, conecta estados, trajetórias estudantis e experiências de vida. Os deslocamentos cotidianos que caracterizam a dinâmica universitária na região, envolvendo diferentes cidades, trajetórias estudantis e responsabilidades acadêmicas, sociais e laborais, permitem compreender a experiência universitária como atravessada por múltiplas fronteiras.

Assim, a prática do BT no ambiente universitário emerge como uma mediação corporal significativa, capaz de articular lazer, sociabilidade e bem-estar em um contexto marcado pela fronteira entre a vida acadêmica, a vida social e o trabalho, contribuindo para a construção de identidades e para a ressignificação da experiência universitária em territórios de fronteira.

À vista disso, a relevância desta investigação reside em seu caráter inovador, ao contribuir para o campo da Educação Física com a análise de uma temática ainda pouco explorada, como é o caso do esporte no âmbito universitário de forma geral (Malagutti *et al.*, 2020) e do BT de forma particular. Além disso, o estudo possui potencial para subsidiar estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde e do bem-estar estudantil, com impactos positivos no desempenho acadêmico e na formação integral dos sujeitos.

Métodos

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo, de natureza exploratória e descritiva,

com abordagem qualitativa, cuja finalidade é descrever as características de um grupo, fenômeno ou situação. Aqui, não se pretende quantificar os dados, nem tampouco buscar uma representatividade numérica, mas captar as percepções, sentimentos e experiências dos participantes de forma detalhada e aprofundada (GIL, 2010). A adoção dessa abordagem decorre da compreensão de que comportamentos humanos são portadores de sentido, que emergem a partir da escuta atenta dos significados atribuídos pelos sujeitos (Alves, 1991).

A investigação foi realizada no CEHS da UFNT, especificamente na Unidade Babaçu, em Tocantinópolis-TO. Os participantes foram representados pelos estudantes universitários que frequentam as quadras de areia desse espaço (Figura 1) para praticarem BT. A seleção ocorreu por conveniência, contemplando sujeitos que demonstraram disponibilidade e interesse após contato inicial.



Figura 1. Espaço de prática do projeto de Beach Tennis no CEHS/UFNT, Unidade Babaçu, Tocantinópolis-TO

Para tanto, foram adotados como critérios de inclusão: (1) matrícula ativa em cursos de graduação do CEHS; (2) prática regular de BT nas quadras da Unidade Babaçu; (3) mínimo de três meses de prática contínua; e (4) assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos: (1) estudantes sem vínculo ativo com o CEHS; (2) praticantes

esporádicos ou com menos de três meses de prática; e (3) aqueles que não devolveram o TCLE assinado.

Como técnica de produção dos dados, utilizou-se o grupo focal, em virtude de sua capacidade de captar um conjunto de percepções e processos de construção coletiva de sentido entre os participantes. Conforme argumenta Gatti (2005), os grupos focais constituem espaços interativos nos quais a fala se produz na relação com o outro, possibilitando ao pesquisador apreender não apenas conteúdos individuais, mas também dinâmicas discursivas, zonas de convergência e divergência e racionalidades sociais e culturalmente situadas. Assim, a interação grupal tende a favorecer a emergência de narrativas mais densas, reflexivas e contextualizadas, produzindo informações que dificilmente seriam obtidas por meio de técnicas individuais.

Nessa perspectiva metodológica, preserva-se o princípio da não diretividade, de modo que as falas possam circular de forma espontânea, orientadas pelas experiências dos próprios participantes. Assim, foi formado um grupo com seis participantes, com perfil discriminado na tabela abaixo.

Tabela 1. Perfil dos estudantes participantes do grupo focal do projeto de Beach Tennis no contexto universitário do CEHS/UFNT, Tocantinópolis-TO

Nome	Idade (anos)	Curso/Período	Cidade de origem	Cidade em que reside	Prática esportiva prévia	Prática do BT (meses)	Equipamento utilizado	Vínculo ao projeto TBT
André	21	Educação Física/8P	Buriti do Tocantins	Tocantinópolis	Tênis de mesa e Futsal	7	Próprio	Sim
Graziele	20	Educação Física/4P	Buriti do Tocantins	Tocantinópolis	Não se aplica	12	Próprio	Sim
Rafaella	22	Educação Física/8P	Tocantinópolis	Tocantinópolis	Futsal	11	Próprio	Sim
Raquel	20	Educação Física/4P	Tocantinópolis	Tocantinópolis	Futsal	12	Universidade	Sim
Sophia	21	Educação Física/4P	Tocantinópolis	Tocantinópolis	Tênis de mesa; Badminton; Vôlei e Xadrez	18	Universidade	Sim
Vitória	23	Direito/9P	Tocantinópolis	Tocantinópolis	Vôlei	18	Próprio	Sim

Observa-se que todos os participantes iniciaram a prática do Beach Tennis por meio do projeto de extensão “Tempo do Beach Tennis (TBT)”, utilizando equipamentos disponibilizados pela universidade. No momento da realização da pesquisa, quatro estudantes já haviam adquirido raquetes próprias para a prática da modalidade, enquanto dois permaneciam utilizando materiais

institucionais. Em relação à inserção territorial, embora todos residissem em Tocantinópolis durante a investigação, dois participantes eram oriundos do município de Buriti do Tocantins e passaram a residir temporariamente na cidade em função da graduação. Essas informações foram consideradas relevantes para compreender tanto as condições de acesso à modalidade quanto aspectos relacionados à experiência universitária no contexto investigado.

Cabe destacar que o projeto TBT é uma iniciativa extensionista desenvolvida no CEHS/UFNT desde setembro de 2024, com o objetivo de promover o acesso ao Beach Tennis (BT) como estratégia de promoção da saúde, do bem-estar e da inclusão social junto às comunidades universitária e local. As atividades são realizadas regularmente nas quadras de areia da Unidade Babaçu, por meio da oferta de turmas mistas e da disponibilização de infraestrutura adequada para a prática da modalidade, incluindo quadras, raquetes e bolinhas. A participação é aberta às comunidades interna e externa mediante inscrição prévia e disponibilidade de vagas. Além dos encontros regulares, estudantes da universidade podem utilizar as quadras em outros horários institucionais, independentemente de vínculo com o projeto. Já os membros da comunidade externa podem acessar o espaço e os equipamentos em horários alternativos, desde que mantenham participação ativa no TBT.

O grupo focal foi realizado no dia 4 de novembro de 2025, em uma sala de reunião da UFNT, unidade Centro, conforme previamente acordado com os participantes (Tabela 1). Tal escolha possibilitou assegurar conforto, privacidade e condições propícias ao diálogo. O encontro foi gravado mediante consentimento de todos e, posteriormente, transcrito na íntegra, preservando-se a literalidade das falas para fins de rigor analítico. A atividade teve duração aproximada de 1h30min, tempo considerado adequado para a exploração dos tópicos previstos e para o desenvolvimento das interações características dessa técnica de investigação.

Os dados produzidos no grupo focal foram examinados por meio da análise de conteúdo temática proposta por Bardin (2011). Inicialmente, após a transcrição integral do material, realizou-se uma leitura flutuante e exaustiva das falas, buscando familiarização com o corpus e identificação de temas recorrentes relacionados às experiências dos estudantes com o BT. Na etapa seguinte, procedeu-se à codificação das unidades de sentido presentes nos relatos, considerando expressões, percepções e significados atribuídos pelos participantes à prática da modalidade. Essas unidades foram agrupadas por aproximação temática, possibilitando a construção de categorias analíticas provisórias.

Posteriormente, os pesquisadores revisaram as categorias emergentes, confrontando-as com os objetivos do estudo, buscando identificar convergências, divergências e relações entre os

diferentes sentidos atribuídos à modalidade. Esse processo resultou na definição de quatro categorias temáticas centrais: (1) Primeiros contatos com o BT: entre amizades, curiosidade e dificuldades; (2) Atratividade do BT: entre a técnica, a descontração e a estética; (3) O BT no cotidiano: entre o bem-estar físico, emocional e social; e (4) O BT no cotidiano acadêmico: entre sociabilidade, pertencimento e visibilidade. Por fim, procedeu-se à interpretação dos achados, articulando os significados produzidos pelos participantes com a literatura sobre motivação esportiva, sociabilidade e práticas corporais em contextos universitários e fronteiriços.

O estudo segue os princípios éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFNT, sob o CAAEE nº 90081625.9.0000.0342. Para garantir o anonimato dos participantes deste estudo e, ao mesmo tempo, para manter o vínculo simbólico com a temática investigada, optamos por atribuir-lhes nomes fictícios inspirados em atletas brasileiros de destaque no BT (Sophia Chow, Vitória Marchezini, Rafaella Miüller, Grazielle Silva, Raquel Lotte e André Baran). Para fins de identificação no texto, utilizou-se apenas o primeiro nome de cada um (Tabela 1).

Resultados e discussões

A análise de conteúdo temática, conforme proposta por Bardin (2011), permitiu identificar quatro categorias centrais que estruturam a experiência dos estudantes com o BT no contexto investigado. A primeira categoria diz respeito aos sentidos atribuídos aos primeiros contatos com a modalidade, marcados por curiosidade, sociabilidade inicial e desafios inerentes ao processo de aprendizagem. A segunda reúne os elementos que explicam a atratividade do BT, articulando dimensões técnicas, estéticas e a atmosfera de descontração que caracteriza a prática. A terceira examina o papel do BT no cotidiano dos participantes, destacando efeitos físicos, emocionais e sociais decorrentes de sua incorporação às rotinas diárias. Por fim, a quarta categoria explora sua presença na vida acadêmica, evidenciando impactos sobre sociabilidade, pertencimento institucional e construção de visibilidade. A seguir, cada categoria é aprofundada em detalhe.

Primeiros contatos com o BT: entre amizades, curiosidade e dificuldades

Os primeiros contatos dos participantes com o BT revelam um processo de aproximação marcado por curiosidade, vínculos sociais e condições institucionais que facilitaram o acesso à modalidade. As falas indicam que o ingresso não ocorreu de forma espontânea ou individualizada,

mas foi mediado por dinâmicas afetivas e pelas oportunidades proporcionadas pelo ambiente universitário.

A curiosidade é mencionada como um importante motivador inicial, impulsionada sobretudo pela observação do jogo e pela convivência com colegas já inseridos no projeto de extensão realizado na universidade, intitulado de “TBT”. Os participantes relatam que antes mesmo de praticar, a modalidade despertava interesse visual e imaginativo, como ilustram as seguintes falas:

Eu conheci BT na universidade. Eu praticava vôlei de areia, via o pessoal jogando, e por curiosidade um dia eu fui lá praticar e acabei gostando (Rafaella).

Nunca tive contato, mas me interessei muito quando vi os projetos. Resolvi praticar e acabei gostando demais (Sophia).

Eu conheci o BT pela universidade também. Pelo projeto TBT. Eu comecei a praticar no contraturno. E comecei a jogar semanalmente, todas as quintas. Aí eu gostei muito do esporte e continuei praticando (Raquel).

Esses relatos sugerem que a aproximação inicial resulta da combinação entre o contato visual e a percepção de acessibilidade. O BT não se apresenta como prática distante ou elitizada, mas como experiência incorporada ao cotidiano universitário, favorecida pela presença constante das quadras e pelo incentivo dos pares. Nesse contexto, a curiosidade opera como um gatilho inicial que mobiliza os estudantes a observar, experimentar e, gradualmente, engajar-se de forma mais estruturada na modalidade, transformando um interesse ocasional em participação efetiva.

A curiosidade pode ser compreendida como um elemento associado à motivação intrínseca, na medida em que a participação inicial decorre do interesse despertado pela própria atividade e pelas experiências de descoberta proporcionadas pelo contato com a modalidade (Ryan; Deci, 2000). Nesse caso, o interesse visual despertado pela observação das partidas e a possibilidade concreta de experimentação parecem ter favorecido a aproximação dos estudantes com o BT, contribuindo para a construção de significados positivos desde os primeiros contatos.

As amizades desempenham papel fundamental nesse processo, não apenas como convite, mas como sustentação afetiva do processo de iniciação. Os relatos mostram que o pertencimento ao grupo e o incentivo dos colegas funcionam como reforçadores complementares:

Eu fui por curiosidade, mas as amigas me chamavam direto: ‘bora treinar’. Aí continuei indo e gostei (Raquel).

O que me motivou a continuar praticando o BT foi a constância e também as amigas... no sentido de "bora lá, bora treinar (Rafaella).

Esses relatos sugerem que a adesão ao BT não pode ser compreendida exclusivamente como uma decisão individual baseada em preferências pessoais. Ao contrário, a prática emerge inserida

em redes de sociabilidade que produzem convites, incentivos e oportunidades concretas de participação, evidenciando o caráter relacional dos processos de engajamento esportivo. Em muitos casos, o convite de amigos, repetido e constante, opera como elemento que transforma a curiosidade em adesão. Assim, o grupo funciona como mediador da experiência, fornecendo suporte emocional, reduzindo inseguranças e criando um ambiente de acolhimento que incentiva os primeiros contatos com esta prática esportiva.

Sob a ótica da Teoria da Autodeterminação, o incentivo dos colegas pode ser compreendido como um elemento relacionado à necessidade psicológica básica de pertencimento. Mais do que estimular a participação inicial, as amizades parecem criar condições para que os estudantes se sintam acolhidos e reconhecidos dentro do grupo, fortalecendo vínculos sociais que favorecem a continuidade da prática. Assim, o apoio dos pares não atua apenas como motivação externa, mas também como mecanismo de internalização do interesse pela modalidade, contribuindo para a consolidação do engajamento ao longo do tempo (Ryan; Deci, 2000).

As dificuldades iniciais relatadas variam entre desafios físicos, técnicos e simbólicos. Para participantes sem histórico de práticas aeróbicas, a adaptação corporal foi descrita como particularmente exigente, enquanto para aqueles que já praticavam outra modalidade esportiva, a dificuldade residia na necessidade de ressignificar padrões motores já consolidados:

No começo eu tinha muita dificuldade de correr na quadra, de me movimentar. Ficava engessada num lugar só, porque nunca tinha feito esporte aeróbico (Vitória).

A minha maior dificuldade foi a questão da movimentação em quadra e as técnicas de movimento, apanhei muito (Raquel).

Como eu já praticava ping pong, eu tinha muita dificuldade de tirar esses movimentos do jogo. Até hoje, às vezes coloco efeito na bola sem querer, por vício de outro esporte (André).

A conjuntura desses relatos evidencia que a experiência inicial com o BT é atravessada por tensões entre afetos, curiosidades e desafios. O corpo é convocado a produzir um tipo de esforço para o qual muitos participantes não estavam habituados, gerando uma sensação inicial de estranhamento que, na ausência de suporte social e encorajamento dos pares, poderia ter resultado na descontinuidade da prática. Os primeiros contatos com o BT, portanto, dependem não apenas de disposições individuais, mas também de condições sociais que sustentam a permanência e diminuem a percepção de barreiras.

Para além dos aspectos físicos e técnicos, captamos nas falas alguns elementos simbólicos associados à percepção de elitização do BT. Os participantes fazem referência aos custos de acesso,

à infraestrutura específica e aos marcadores de classe que circundam a modalidade, fatores que podem atuar como obstáculos significativos para o acesso a sua prática.

Eu achava o esporte muito caro, dizia que não ia pagar cinquenta reais por meia hora [na arena privada]. Só comecei quando abriu projeto [TBT] (Vitória).

O que eu posso perceber entre essa diferença do futsal e do BT é sobre a questão da classe econômica. O custo de vida no BT é muito alto (Rafaella).

Pra [jogar] vôlei você só precisa de uma bola. Pra BT não, né? Já é raquete, já é várias bolinhas e tal (Sophia).

Esses relatos indicam que o processo de iniciação não se limita às dimensões motoras ou à disponibilidade emocional, mas é atravessado por percepções de classe e de acessibilidade. O imaginário que associa a modalidade a segmentos econômicos mais elevados produz uma distância simbólica que opera como barreira prévia, mesmo antes do primeiro contato efetivo com o esporte. Tal dinâmica se intensifica quando o BT é comparado a modalidades amplamente difundidas no contexto brasileiro, como o Voleibol e o Futsal, cuja prática costuma exigir menos recursos materiais e financeiros.

Nesse contexto, os projetos universitários assumem um papel estratégico na desconstrução de estigmas e na ampliação do acesso à modalidade. Ao oferecerem condições materiais, sociais e simbólicas capazes de atenuar a percepção de elitização, tais iniciativas contribuem para a redução da distância simbólica historicamente associada a esse esporte, promovendo a democratização da participação. Desse modo, possibilitam que estudantes que, em outras circunstâncias, não se perceberiam legitimados ou aptos à prática encontrem vias concretas e socialmente reconhecidas de inserção.

Tal aspecto ganha relevância quando se observa que todos os participantes da pesquisa ingressaram na modalidade por meio do projeto TBT, utilizando inicialmente equipamentos disponibilizados pela universidade. Este dado sugere que a oferta institucional de infraestrutura e materiais esportivos desempenhou papel relevante na redução das barreiras econômicas associadas ao ingresso na modalidade. Ainda que parte dos estudantes tenha posteriormente adquirido raquetes próprias, a iniciação ocorreu em condições que minimizaram os custos tradicionalmente vinculados ao BT, ampliando as possibilidades de acesso e permanência na prática. Além disso, considerando que parte dos entrevistados é oriunda de outro município e passou a residir em Tocantinópolis em razão da graduação, a oferta gratuita de infraestrutura esportiva parece ter desempenhado papel importante na ampliação das oportunidades de acesso ao BT.

Em síntese, observa-se que os primeiros contatos com o BT emergem da interação entre curiosidade, apoio das amizades e oportunidades institucionais. A iniciação não se configura como um processo linear, mas como uma tessitura marcada pela articulação entre desejo, suporte social e condições de acessibilidade.

Com efeito, é essa convergência de fatores que possibilita transformar um interesse inicial, muitas vezes episódico, em uma trajetória de permanência, sustentada por vínculos sociais, oportunidades concretas de prática e pela gradual construção de identificação com a modalidade.

Atratividade do BT: Entre a técnica, a descontração e a estética

Embora os participantes tenham mencionado barreiras simbólicas associadas ao caráter elitizado do BT, sobretudo, quando comparado a modalidades populares como o Vôlei e o Futsal, suas narrativas também evidenciam um movimento inverso: após o ingresso, o esporte passa a ser percebido majoritariamente por sua atratividade. Esse contraste revela uma reconfiguração das percepções iniciais, em que elementos técnicos, estéticos e relacionais conferem ao BT um apelo singular, atribuindo-lhe valor positivo em relação a outros esportes.

Na interação construída no grupo focal emergem diferentes componentes dessa atratividade. Os relatos sugerem que a técnica se entrelaça à estética, uma vez que os movimentos chamam atenção pelo impacto visual, despertando encantamento e curiosidade, conforme se observa nas declarações a seguir:

Eu acho muito bonito ver jogo de BT profissional.... Porque, véi, a técnica de smash, técnica de saque, nossa, é minha preferida de ficar vendo. Amo! (Sophia).

Acho a técnica smash, eu acho muito bonito (Graziele).

Mano, eu gosto das raquetes [...]. De verdade, eu acho muito bonito as raquetes de BT (Sophia).

Essas falas apontam que a técnica não é compreendida como algo distante ou inacessível, mas como gesto que produz fascínio e convida à experimentação. A atração inicial, em alguma medida, se ancora na apreciação estética do movimento. Isso sugere que o encantamento pode anteceder a própria ação prática, reposicionando a técnica como um convite e não como uma barreira para uma experiência corporal significativa.

Este dado converge com a formulação de Lovisolo (1997), ao defender que os esportes deveriam constituir matéria-prima para a discussão estética, contribuindo tanto para compreender nossa necessidade cultural de beleza, quanto para estimular atitudes de admiração diante das

múltiplas expressões do belo. Nessa direção, a apreciação estética não parece constituir um elemento periférico da experiência esportiva, mas parte integrante dos sentidos produzidos pelos praticantes. A beleza percebida nos gestos técnicos e até nos elementos materiais da modalidade sugere que o envolvimento com o BT também se constrói por meio da sensibilidade e da admiração, ampliando as razões que sustentam o interesse e a permanência na prática.

Ora, a própria menção aos materiais também reforça que a atratividade ultrapassa o gesto técnico e abrange a cultura visual do esporte. A estética vibrante das raquetes e a identidade visual da modalidade funcionam como marcadores simbólicos que fortalecem a sensação de pertencimento e identificação, aspecto particularmente relevante no contexto universitário, onde signos culturais contribuem para consolidar vínculos e motivações.

Outro conjunto de relatos evidencia que a atratividade do BT também está profundamente relacionada ao clima leve que caracteriza a prática, cuja descontração se entrelaça com a criação de vínculos afetivos. Segundo os participantes, diferentemente de esportes em que o erro é associado à cobrança ou ao julgamento, o BT é descrito como um espaço de acolhimento, no qual o engajamento se funda na ludicidade e na sociabilidade, conforme ilustrado no relato abaixo:

Acho que pra mim é porque é um esporte descontraído... diferente de outros esportes, quando tu vai jogar com os teus amigos ali, por mais que seja um jogo sério, muitas das vezes fica ali um jogo descontraído. [...] Inclusive, teve um dia aí que a gente foi jogar e praticamente nem teve o jogo, o pessoal conversando, fofocando da vida dos outros [risos] (André).

As falas revelam que o erro deixa de ser um elemento constrangedor e passa a ser parte natural da experiência. A atmosfera de apoio mútuo e incentivo coletivo transforma a quadra em um importante espaço de sociabilidade, o que favorece não apenas a aprendizagem técnica, mas a construção de relações afetivas. Esse ambiente leve também contribui para que o esporte seja percebido como espaço de diversão e experimentação, características fundamentais da sua atratividade.

No estudo realizado por Rosa e Alvarez (2021), analisou-se o perfil dos praticantes de BT no município de Criciúma-SC. Para tanto, os autores aplicaram um questionário a 81 praticantes voluntários. Os resultados indicaram que as motivações para a prática dessa modalidade se distribuíram em três aspectos principais, são eles: recreação (59,26%), competição (20,99%) e condicionamento físico (19,75%). Embora realizado em contexto distinto, tais dados convergem com os resultados encontrados nesta investigação ao indicar a relevância das motivações associadas à recreação e ao lazer entre praticantes de BT. De modo semelhante, os participantes deste estudo

atribuem grande valor às experiências de descontração, convivência e diversão proporcionadas pela modalidade, elementos que parecem contribuir significativamente para sua adesão e permanência.

De forma sintomática, pode-se inferir que esse clima lúdico e descontraído, associado à modalidade, também favorece a melhoria da própria jogabilidade dos praticantes, ampliando a sensação de competência percebida e, conseqüentemente, a motivação para continuar praticando. Tal aspecto emerge com clareza no relato a seguir:

Você pega lá no outro esporte, você erra, vem um na tua cara, te xinga, te humilha. No BT não. Você erra e o pessoal [diz]: “não, faz assim, faz assim com a raquete que vai dar certo”. [...] Você tá ali jogando descontraído, você consegue fazer do nada uma jogada que só um profissional faria, um lob lá na linha, uma curtinha, bem curtinha mesmo que ninguém consegue pegar (Vitória).

Essa narrativa reforça a ideia de que a aprendizagem é vivenciada de forma coletiva, sendo marcado por orientações, incentivos e trocas constantes entre os praticantes. Mais do que favorecer o aperfeiçoamento técnico, esse processo parece fortalecer a confiança dos participantes e ampliar sua disposição para experimentar novos movimentos e estratégias de jogo. Assim, a atratividade da modalidade também está vinculada às experiências inesperadas de competência, nas quais praticantes com pouca experiência conseguem executar jogadas complexas e percebem-se mais capazes. Nesse sentido, o BT oferece um equilíbrio entre desafio e acessibilidade, favorecendo o engajamento e a continuidade da prática.

Cabe destacar, ainda, que, embora a maioria dos relatos enfatize a estética do jogo, o clima leve e a descontração como elementos centrais da experiência, a dimensão competitiva também emerge como um componente adicional capaz de ampliar o interesse e fortalecer o vínculo com a modalidade. Nesse sentido, a atratividade do BT não se restringe à vivência lúdica, mas articula-se igualmente à experiência do espetáculo esportivo, seja na condição de praticante, seja na de espectador, conforme ilustram os excertos apresentados a seguir.

[...] comecei a jogar semanalmente, todas as quintas. Aí eu gostei muito do esporte e continuei praticando. Tanto que até hoje, vou para campeonato (Raquel).

São as técnicas. E poder usar essas técnicas, principalmente dentro de um campeonato, é muito satisfatório (Rafaella).

O atrativo é o competitivo... a energia que tem o campeonato, assistir as pessoas da categoria maior (Raquel).

[...] quando tem campeonato e as meninas animam de ir [...] E vou pra esse campeonato, eu passo um tempo focando em melhorar alguma coisa que não tá boa. E aprimorar outras. Pra conseguir dar o meu melhor na hora do jogo, né? (Sophia).

Esses relatos ratificam que a satisfação dos praticantes deriva de um contexto ampliado de experiências que envolve não apenas o jogo em si, mas também os campeonatos, a atmosfera competitiva, a energia coletiva e a possibilidade de testar e aprimorar habilidades em situações desafiadoras. A análise integrada desses achados indica que a atratividade do BT se estrutura na articulação entre técnica, estética, convivência e experiência competitiva: a técnica encanta pela beleza do gesto; a estética fortalece a identificação simbólica com a modalidade; a convivência e o clima acolhedor sustentam o prazer da prática; e a competição agrega intensidade, desafio e sentido de progressão.

Com efeito, embora os participantes enfatizem aspectos distintos, há convergência na compreensão de que o BT se destaca como uma prática que combina visualidade, acolhimento e satisfação corporal, consolidando-se como uma experiência esportiva multifacetada e emocionalmente significativa para esses sujeitos.

O BT no cotidiano entre o bem-estar físico, emocional e social

A presença do BT no cotidiano dos participantes revela um fenômeno multifacetado que articula dimensões físicas, emocionais e sociais, conferindo à prática um sentido que ultrapassa o mero ato de jogar. As narrativas indicam que o esporte se torna um eixo organizador da vida diária, compondo uma experiência que combina autodescoberta, alívio emocional e pertencimento coletivo.

No âmbito do bem-estar físico, os relatos mostram que o BT tem funcionado como porta de entrada para um estilo de vida mais ativo e saudável, especialmente, entre aqueles que se reconheciam como sedentários antes de iniciar a prática, tal como ilustrado a seguir:

Bom, pra mim, ela [a prática de BT] influencia muito no aspecto físico, porque, como eu já disse, eu não praticava nenhum esporte. Então, como sendo o primeiro, ela influencia muito nessa parte física (Graziele).

No aspecto físico, com certeza. [...] eu era muito sedentária. Por exemplo, no primeiro campeonato do projeto, eu quase nem joguei. [...] Agora eu jogo o campeonato, no outro dia eu estou inteira. [...] Eu cansava muito ali pra subir as escadas. São muitas escadas na faculdade. Agora eu estou inteiraça (Vitória).

Essas falas demonstram que os efeitos da prática extrapolam o desempenho esportivo, alcançando tarefas cotidianas simples, como subir escadas ou lidar com esforços rotineiros. Observa-se não apenas melhora no condicionamento físico, mas uma reapropriação da funcionalidade corporal, que passa a integrar o cotidiano de maneira mais eficiente, autônoma e

consciente. A prática, nesse sentido, reorganiza a relação do sujeito com o próprio corpo, gerando percepções de vitalidade e competência (antes ausentes ou menos prevalentes).

De forma sintomática, os relatos sugerem uma transformação na forma como os participantes percebem suas próprias capacidades corporais para além das adaptações fisiológicas. A melhoria do condicionamento físico é acompanhada por um aumento da autoconfiança para realizar tarefas cotidianas e enfrentar desafios físicos anteriormente percebidos como difíceis. Nesse sentido, a experiência esportiva parece contribuir para a construção de uma percepção mais positiva de si, fortalecendo sentimentos de autonomia e competência.

No campo emocional, o BT aparece como estratégia de enfrentamento do estresse, da ansiedade e da sobrecarga mental, funcionando como espaço de alívio e regulação das tensões diárias. Dessa forma, constata-se que a prática desta modalidade se configura como pausa produtiva no cotidiano, permitindo desconexão de estressores e produção de estados afetivos mais estáveis, conforme demonstrado nos relatos abaixo:

Os meus dias mais estressantes não me estressam fisicamente, é mentalmente. [...] eu recebo uma mensagem ‘vamos jogar hoje? Aí a gente vai lá e esquece de tudo que você passou no dia. [...] Para mim também é um hobby [...]. Toda folguinha que eu tinha, antes era para dormir. Agora toda folguinha, vamos ver se vai ter um playzinho hoje (Vitória).

Uma coisa que eu percebi também que melhorou bastante foi o meu sono... eu durmo bem melhor agora... E em questão emocional, eu acredito também que meu humor melhorou bastante (André).

Antes de eu praticar BT, eu tinha constantes crises de ansiedade... depois que eu comecei a praticar BT, não sumiu totalmente, mas melhorou muito (Rafaella).

Estudos apontam que a prática de exercícios físicos pode contribuir para o alívio e o tratamento de sintomas como estresse emocional, sofrimento mental e ansiedade (Weinberg; Gould, 2017). No presente estudo, contudo, os benefícios relatados pelos participantes não parecem decorrer exclusivamente do esforço físico. As narrativas sugerem que o BT constitui um espaço socialmente significativo de afastamento temporário das pressões acadêmicas e das demandas cotidianas, favorecendo experiências de relaxamento e bem-estar. Nesse contexto, as melhorias percebidas no humor, no sono e nos sintomas ansiosos parecem resultar da combinação entre exercício físico, interação social e satisfação proporcionada pela prática da modalidade.

Sob a perspectiva da Teoria da Autodeterminação, os relatos indicam que a permanência na prática está fortemente associada à satisfação proporcionada pela própria experiência esportiva. O prazer de jogar, a sensação de bem-estar e os benefícios percebidos para a qualidade de vida constituem elementos compatíveis com formas mais autônomas de motivação, nas quais a

participação é sustentada pelo valor e pela satisfação atribuídos à atividade em si (Ryan; Deci, 2000).

Nessa conjuntura, a dimensão social também emerge como componente central para compreender a inserção do BT na vida desses estudantes. As falas evidenciam que a prática não é vivida de forma isolada, mas atravessada por vínculos, encontros e interações que conferem sentido ao jogo:

Eu acho que o companheirismo. A união que a gente tem. A gente se motiva muito... A gente é muito unida. [...] Está tudo bem ali naquele momento. Eu tô conversando com minhas amigas, tô jogando... depois do jogo, eu fico até com a depressão (RISOS) querendo mais (Sophia).

Para mim também, acho que é motivação.... Às vezes nem é pelo jogo. É só para ter o contato ali, conversar (Graziele).

Vou encontrar as meninas, os problemas somem. [...] Eu, as meninas e o BT ali em si (Rafaella).

Esses agrupamentos mostram que o esporte opera como mediador de relações, fortalecendo vínculos, oportunizando apoio mútuo e produzindo sentimentos de pertencimento. A dimensão social não aparece como consequência secundária da prática, mas como elemento constitutivo de sua atratividade e de sua permanência no cotidiano universitário. A experiência corporificada do jogo se mistura à convivência, tornando-se espaço de afeto, expressão e convivência segura.

Esse aspecto ganha especial relevância quando se considera que parte dos participantes reside em Tocantinópolis em função da graduação, estando distante de seus municípios de origem. Nessa perspectiva, os vínculos construídos por meio da prática esportiva podem contribuir para processos de integração social e adaptação à vida universitária, ampliando as redes de apoio disponíveis aos estudantes.

Ora, embora muitas participantes tenham nomeado o BT como um *hobby* (a exemplo de Vitória), as narrativas revelam que a prática cumpre funções estruturantes no cotidiano. Nesse sentido, a busca constante pelo “play” justifica-se para além do jogo, mas pelos próprios encontros correlatos, indicando que o esporte deixa de ser apenas recreação e passa a compor a estrutura do dia a dia, atuando como dispositivo afetivo de organização da vida. Assim, a análise sugere que o BT produz um conjunto de benefícios interligados, que vão do corpo à emoção, da emoção às amizades construídas.

O BT no cotidiano acadêmico: entre sociabilidade, pertencimento e visibilidade

A inserção do BT na vida acadêmica dos participantes revela um conjunto de transformações que atravessam a sociabilidade, o senso de pertencimento institucional e a visibilidade no espaço universitário. As narrativas reforçam que a prática não opera apenas como atividade física ou recreativa, mas se configura como dispositivo social capaz de reconfigurar formas de convivência, circulação e reconhecimento entre estudantes. O esporte adquire, assim, um estatuto estratégico na experiência acadêmica, ampliando redes relacionais, fortalecendo vínculos e mobilizando novas formas de engajamento.

No contexto da interação grupal, a sociabilidade emergiu como a primeira transformação significativa evidenciada. Os participantes relataram deslocamentos expressivos nas formas de interação interpessoal, destacando o BT como um catalisador de vínculos sociais e um vetor de ampliação das redes de relacionamento. Tal movimento pode ser sintetizado nos excertos apresentados a seguir:

[...] quando entrei na faculdade eu era muito tímida, ainda sou, mas eu vi essa mudança minha, na questão de conversar mais, conseguir interagir mais com as pessoas. Através do BT conheci muitas pessoas (Graziele).

[...] durante as aulas [do projeto TBT] integravam tanto os alunos, quanto os servidores. Era um local para conhecer muita gente nova, tipo, não só da faculdade [...], esse convívio, tu acaba interagindo mais, tu acaba ficando mais sociável ali para conversar (André).

Eu criei vínculos novos, fortaleci vínculos que eu já tinha, pessoas do meu curso, de outros (Raquel).

Tais relatos evidenciam que o BT não apenas estimula o convívio, mas institui um ambiente no qual a interação se torna espontânea, recorrente e transversal. A quadra funciona como espaço de encontro/convivência que atravessa fronteiras entre cursos, semestres e categorias institucionais (alunos e servidores), áreas de formação e fases da graduação. Tal aspecto adquire relevância particular no contexto investigado, uma vez que a universidade costuma reunir estudantes oriundos de diferentes municípios da região, alguns dos quais vivenciam processos de deslocamento e residência temporária em função da graduação, como é o caso de dois sujeitos desta pesquisa.

Nesse cenário, o BT parece funcionar como uma possibilidade de integração entre trajetórias distintas, favorecendo a construção de vínculos e experiências compartilhadas em um território marcado pela circulação de sujeitos e pela diversidade de pertencimentos. Destarte, constata-se que, para os respectivos universitários, a sociabilidade aparece como produção estrutural da dinâmica coletiva da modalidade.

Tais elementos sugerem que a experiência universitária na região investigada é atravessada por diferentes formas de mobilidade e circulação social. Nesse contexto, o BT parece funcionar

como um espaço de encontro entre trajetórias diversas, favorecendo interações que ultrapassam fronteiras municipais, institucionais e simbólicas. A modalidade contribui, assim, para a construção de pertencimentos compartilhados em um território caracterizado pela coexistência de diferentes origens, experiências e projetos de vida.

Este dado corrobora com o estudo realizado por Truccollo, Maduro e Feijó (2008), cujos resultados apontaram que a aderência à prática da corrida foi fortemente influenciada pelo convívio e pela sociabilidade proporcionados pela atividade, especialmente, quando realizada em grupo com pessoas de faixa etária e interesses similares.

A noção de pertencimento surge como eixo igualmente relevante, indicando que o esporte opera como mediador na relação dos estudantes com a universidade, fortalecendo sua ancoragem institucional. Assim, a prática esportiva não serviu apenas para fortalecer vínculos, mas ampliou a própria percepção de integração ao referido espaço universitário:

[...] Eu acho que depois que eu comecei a praticar o esporte, muito por conta do projeto [TBT] também, eu comecei a frequentar outros projetos universitários (André).

Eu acho que a prática do BT instigou muito a pertencer no curso de Educação Física. Porque do BT a gente já ficava na universidade para a aula, direto (Sophia).

Observa-se, pois, que o pertencimento não se restringe à manutenção da matrícula, mas envolve um engajamento ampliado com a vida acadêmica: passando mais tempo na universidade, explorando novos espaços, novos projetos, etc. O BT parece ressignificar a percepção de “estar na universidade”, deslocando a experiência institucional para além da sala de aula e incorporando dimensões comunitárias e interativas, o que, por sua vez, fomenta a identidade acadêmica.

A visibilidade constitui outro componente estruturante. Quanto mais os praticantes circulam pelo espaço universitário e interagem com estudantes e professores de diferentes cursos e/ou participarem de projetos interdisciplinares, mais se tornam figuras reconhecidas e mais diversificam suas redes de contato, como mencionam os próprios participantes.

Eu conheci muita gente de outros cursos. A [Vitória] é uma, né? Do direito. Conheci muita gente, porque na época [início do projeto TBT] tinha mais gente de outros cursos do que de Educação Física (Sophia).

A gente passa a ser conhecida na universidade e conhecer os outros. Por exemplo, [o pesquisador, Grazielle, André] eu nunca tinha visto na universidade [...]. Agora o pessoal acha até que eu faço Educação Física (Vitória).

Nessa seara, a fala de Vitória torna-se especialmente elucidativa. Ao relatar que passou a ser confundida com estudante de Educação Física, ela evidencia como a participação ativa nos espaços universitários produz processos de circulação e reconhecimento capazes de tornar as identidades

acadêmicas mais fluidas, compartilhadas e ressignificadas. Trata-se de um indício de que o engajamento em práticas esportivas institucionais não apenas amplia a visibilidade dos sujeitos, mas também reconfigura os modos pelos quais eles são percebidos e se percebem dentro da trama social da universidade.

No entremeio dos aspectos que emergiram no grupo focal acerca do papel do BT na rotina acadêmica dos participantes, observa-se uma zona de complexidade que revela tanto tensões quanto reorganizações produtivas do cotidiano universitário. Para uma parte dos estudantes, a modalidade atua como vetor de deslocamentos temporais, levando-os, em determinados momentos, a priorizar a prática esportiva em detrimento de atividades acadêmicas. Para outros, porém, o jogo opera em sentido inverso, funcionando como mecanismo regulador de disciplina, estimulando maior organização e antecipação das demandas curriculares.

Eu já deixei de fazer algumas atividades para jogar, mas nunca deixei de fazer e não entregar, mas eu deixava de fazer naquele momento para poder jogar (Graziele).

[...] em questão de nota, o BT, ele não interferiu negativamente. Minhas notas continuam iguais antes de eu praticar. Mas, em frequência, em presença em sala de aula, eu comecei a utilizar mais dos meus 25% do direito de faltar (André).

Eu vou ser do contra... o BT até ajudou nisso [disciplina]. Porque, às vezes, eu faço [as atividades acadêmicas] antes para poder jogar. [...] Para mim, melhorou em relação à organização, porque agora eu priorizo fazer todas [...] e tirar do período da noite, que é o período que a gente vai jogar (Vitória).

Esses relatos demonstram que o impacto do BT sobre o cotidiano acadêmico é multifacetado e não pode ser reduzido a uma causalidade linear entre prática esportiva e desempenho estudantil. Em alguns casos, o envolvimento com a modalidade tensiona a rotina, redistribuindo prioridades e condutas. Em outros, paradoxalmente, o desejo de jogar induz a um comportamento de maior planejamento, criando uma espécie de temporalidade estratégica em que as obrigações acadêmicas são antecipadas ou reorganizadas para preservar o espaço do esporte.

De acordo com Samulski (2009), o estudo da motivação é importante para buscarmos compreender por que, em um dado momento, uma pessoa escolhe uma determinada forma de comportamento e a executa com certa intensidade e persistência. Assim, no caso deste estudo, observa-se que há um denominador comum entre as experiências relatadas: a negociação consciente do tempo. Afinal, independentemente da direção assumida pela influência do BT, os respectivos universitários demonstram agência na gestão de suas rotinas, reorganizando atividades a partir do valor simbólico e afetivo que atribuem à sua prática. Tal movimento indica que o esporte adquire

centralidade suficiente para remodelar comportamentos, hábitos de estudo e modos de circulação no contexto universitário.

A análise conjunta das categorias permite compreender que a experiência do BT no contexto investigado ultrapassa os limites da prática esportiva propriamente dita. Em uma região marcada por deslocamentos, fluxos populacionais e múltiplos pertencimentos territoriais, a modalidade constitui um espaço de encontro capaz de articular diferentes sujeitos e histórias. Os vínculos construídos nas quadras, a ampliação das redes de sociabilidade e o fortalecimento do pertencimento institucional sugerem que o esporte participa da produção de experiências que conectam sujeitos, tempos e espaços distintos, contribuindo para a construção de referências coletivas em um território fronteiriço.

Não obstante, ainda que a condição fronteiriça não tenha emergido explicitamente nas narrativas dos participantes, observa-se que o BT favorece a aproximação entre estudantes oriundos de diferentes municípios, cursos e trajetórias de vida, ampliando oportunidades de convivência e integração. Nesse sentido, a modalidade parece funcionar como um espaço de mediação social capaz de produzir vínculos e pertencimentos compartilhados em um contexto caracterizado pela circulação de sujeitos e pela coexistência de distintas experiências territoriais.

Considerações finais

O estudo buscou compreender os fatores motivacionais que influenciam estudantes universitários de Tocantinópolis a praticar BT no contexto acadêmico. A análise das narrativas produzidas no grupo focal evidenciou que a adesão e a permanência na modalidade não decorrem de um único fator, mas da articulação entre experiências corporais prazerosas, relações de sociabilidade e condições institucionais que favorecem o acesso à prática. Nesse sentido, o BT mostrou-se capaz de produzir sentidos que ultrapassam a dimensão esportiva, constituindo-se como espaço de convivência, bem-estar e participação na vida universitária.

Os achados indicam que a modalidade assume relevância particular no contexto investigado, contribuindo para a ampliação de redes de relacionamento, para o fortalecimento do pertencimento institucional e para a construção de experiências positivas associadas à trajetória acadêmica. Dessa forma, o esporte emerge não apenas como uma atividade de lazer, mas como uma prática social capaz de mediar processos de integração, engajamento e produção de vínculos.

No contexto universitário da Região do Bico do Papagaio (território marcado por fluxos, mobilidades e heterogeneidades), o BT revelou-se potente para atuar como mediador de experiências que articulam corpo, lazer, sociabilidade e pertencimento, bem como para ressignificar

a vivência universitária em contextos de fronteira, contribuindo para a construção de vínculos, identidades e formas de participação social. Nessa perspectiva, a fronteira se apresenta não apenas como delimitação territorial, mas como espaço de encontro, circulação e produção de sentidos, no qual as práticas corporais podem favorecer formas de integração e participação na vida universitária.

Espera-se que os resultados deste estudo ofereçam subsídios para ações institucionais voltadas à promoção do esporte universitário, bem como para políticas públicas e projetos de extensão que ampliem as oportunidades de acesso às práticas corporais e fortaleçam uma cultura acadêmica mais saudável, participativa e inclusiva.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a não inclusão de informações sistemáticas sobre perfil socioeconômico e pertencimento étnico-racial dos participantes, aspectos que podem influenciar as formas de acesso, permanência e apropriação de práticas esportivas. Recomenda-se que futuras investigações incorporem essas dimensões analíticas, aprofundando a compreensão das relações entre esporte, desigualdades sociais e contextos fronteiriços, bem como desenvolvam estudos quantitativos capazes de complementar os achados qualitativos e ampliar o conhecimento sobre o fenômeno investigado.

Por fim, mais do que uma modalidade esportiva, o BT mostrou-se um espaço de produção de sociabilidades, fortalecimento de vínculos e construção de sentidos sobre a própria vivência universitária, reafirmando que o esporte não mobiliza apenas corpos em movimento, mas também afetos, encontros e pertencimentos capazes de transformar experiências individuais em trajetórias compartilhadas.

Referências

- Alves, A. J. (1991). O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, (77), 53–61.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70.
- Barroso, M., et al. (2007). Motivos de prática de esportes coletivos universitário em Santa Catarina. In *Fórum Internacional de Esportes* (6º, pp. 11.1–11.9). Florianópolis, SC: Unesporte.
- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012: Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF.

Colaço, C. P., & Fleck, L. A. (2009). Estratégias do desporto universitário: Um estudo de caso sobre o desporto em universidades portuguesas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9(2), 68–75. <https://doi.org/10.5628/rpcd.09.02s1.68>

Evangelista, M. (2012). Tênis de areia? Frescobol com rede? Não, o jogo é o Beach Tennis. *Revista Tênis*, 102(7), 1–2.

Gaya, A., & Cardoso, M. (1998). Os fatores motivacionais para a prática esportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho esportivo. *Perfil*, 2(2).

Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Líber Livro.

Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5ª ed.). São Paulo, SP: Atlas.

Gomes, R. B. L. (2017). *O Beach Tennis como atividade intergeracional* (Dissertação de mestrado). Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ.

Guiducci, A., Danailof, K., & Aroni, A. L. (2019). Beach Tennis: A opinião de professores e atletas sobre a modalidade. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 18(1), 25–32.

Lovisol, H. (1997). *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro, RJ: Sprint.

Machado, L. O. (2000). Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. *Revista Território*, 8, 9-29.

Malagutti, J. P. M., Rojo, J. R., & Starepravo, F. A. (2020). The Brazilian university sports, official organization and academic athletic associations. *Research, Society and Development*, 9(8), e32985325. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5325>

Rosa, T. R., & Alvarez, B. R. (2021). Perfil dos praticantes de beach tennis no município de Criciúma. *Research, Society and Development*, 10(17), e192101724173. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i17.24173>

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25(1), 54–67. <https://doi.org/10.1006/ceps.1999.1020>

Sánchez-Rivera, L., et al. (2022). The relationship of sport with academic performance of higher education students. *Journal of University Policies*, 6–15. <https://doi.org/10.35429/JUP.2022.15.6.12.17>

Samulski, D. (2009). *Psicologia do esporte: Conceitos e novas perspectivas*. Barueri, SP: Manole.

Takayama, F. S., & Vanzuita, A. (2020). Reflexões sobre o Beach Tennis no Brasil: Um estado de conhecimento. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 18(2), 71–77. <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n2.p71>

Truccolo, A. B., Maduro, P. A., & Feijó, E. A. (2008). Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. *Motriz: Revista de Educação Física*, 14(2), 108–114. <https://doi.org/10.5016/1162>

Universidade Federal do Norte do Tocantins. (2025). *Centro de Educação, Humanidades e Saúde*. <https://ufnt.edu.br/centro-de-educacao-humanidades-e-saude/>

Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício* (6ª ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.

Zhou, S., *et al.* (2024). A study on the relationship between college sports and academic achievement. *Frontiers in Sport Research*, 6(3), 125–130. <https://doi.org/10.25236/FSR.2024.060317>